

Modalidade, pré-construção e pressuposição: a propósito de Campos (2004)*

António Moreno

The aim of this paper is to discuss the concept of modality in connection with the concepts of pre-construction and presupposition as they are developed in the work of Maria Henriqueta Costa Campos, particularly in Campos (2004). We discuss these concepts articulating intensional (general and common properties) and extensional (diversity of the linguistic phenomena) definitions. It will be argued that there is no theoretical and linguistic incompatibility between the concepts of pre-construction and semantic presupposition. However, it is believed that the concepts of pragmatic presupposition and mutual Knowledge are fundamentally cognitive. So, in order to be defined by metalinguistic principles, these concepts can be understood as a specific case of pre-construction.

* Este texto beneficiou da leitura atenta e dos comentários de Clara Nunes Correia. As reacções e intervenções dos participantes no WGT “Ler Campos” foram também um contributo motivador.

Ao longo da investigação desenvolvida por Henriqueta Costa Campos, o conceito de modalidade permaneceu relativamente estável. Confrontando um texto de 1991 com um texto de 2004, pode constatar-se que aquilo que distingue as duas definições de modalidade não é essencialmente uma diferença de conceito, mas antes uma diferença de formulação:

O valor modal (ou modalidade) de um enunciado resulta (...) da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro S_0 , sujeito de enunciação. Campos (1991:338)

Pode então definir-se a ‘modalidade linguística’ (...) como a categoria gramatical que representa as diferentes atitudes do locutor em relação a um conteúdo proposicional e ao seu interlocutor. Campos (2004:265)

No texto de 1991, Campos formula o conceito de acordo com os princípios da Teoria Formal Enunciativa. No texto de 2004, a definição apresentada tem uma formulação não teoricamente filiada e, por isso, menos técnica. Ainda que o conceito de

modalidade não tenha sofrido significativas alterações, o mesmo não se pode afirmar sobre a tipologia da modalidade, ou seja, sobre a organização da modalidade em subcategorias.

A investigação de Campos, na sua evolução, apresenta diversos desenvolvimentos que incidem sobre a caracterização de um quadro coerente das diferentes subcategorias da modalidade.

Com efeito, o conceito de modalidade, acima explicitado, ainda que rigoroso e consistente de um ponto de vista metalinguístico, pode, no entanto, ser entendido como demasiado amplo e, por esta razão, como pouco produtivo: englobando uma substancial quantidade e variedade de fenómenos linguísticos (asserção, interrogação, negação, injunção, verbos modais, adverbiais, etc.), tal conceito de modalidade teria um reduzido poder explicativo. Pensamos que a investigação de Campos, acompanhando o desenvolvimento da Teoria Formal Enunciativa, permite responder a esta objecção de uma dupla forma.

Por um lado, a modalidade é entendida como fundacional em relação à actividade da linguagem. A modalidade tem, por isso, um carácter omnipresente na construção do

enunciado. Por vezes, na análise do enunciado, quando se trabalha sobre valores temporais-aspectuais, a presença do parâmetro sujeito não é considerada. Tal apagamento, no entanto, acontece por conveniência explicativa, ou seja, por necessidade de redução do objecto aos elementos pertinentes à análise. Afirmar que não há enunciado sem modalidade, no sentido em que não há enunciado sem sujeito enunciativo, pode ser actualmente uma trivialidade. Porém, as consequências deste princípio não são triviais: defender, nomeadamente, que categorias como a negação e a asserção são subcategorias modais é ainda hoje uma questão polémica. Por outro lado, a investigação de Campos reiteradamente sublinhou a necessidade de compatibilizar uma caracterização intensional da modalidade (e das suas subcategorias) com a respectiva caracterização extensional (veja-se, por exemplo, Campos (2004:265). A estabilidade e a amplitude do conceito de modalidade terá assim de ser acompanhada de um estudo detalhado da diversidade e da multiplicidade das suas manifestações linguísticas. Sem este estudo extensional, o conceito correria o risco de se converter numa etiqueta metalinguística.

O que aqui se defende acerca da modalidade poderia também, em termos gerais, aplicar-se ao conceito de pré-construído. Este é entendido, na Teoria Formal Enunciativa, como

une relation prédicative **posée comme validée** par rapport à un repère-origine **externe** à l'énoncé en cours et donc pas repérée directement par rapport à l'origine énonciative de cet énoncé. On peut aussi parler d'une relation construite **antérieurement** ou présentée comme «déjà construite».

(Bouscaren et Chuquet (1987: 156) ;
negrito da autora.)

Como se pode verificar, a definição de pré-construído é também bastante ampla. Tal amplitude, no entanto, permite unificar a análise de uma diversidade de estruturas enunciativas, evitando assim explicações casuístas. Tal como com a modalidade, a produtividade do conceito de pré-construído, depende, por isso, da inter-relação entre uma caracterização intensional (acima explicitada) e uma caracterização extensional (a multiplicidade e diversidade dos fenómenos linguísticos).

A inter-relação entre modalidade e pré-construído é um dos assuntos abordados por Campos (2004). Neste texto, depois de caracterizado o conceito de modalidade e as suas respectivas subcategorias, a autora estuda em particular a subcategoria modalidade apreciativa, sendo esta entendida como a construção de um valor qualitativo sobre uma relação predicativa pré-construída. Os casos de modalidade apreciativa apresentados, e respectivos exemplos, seguidos de uma breve caracterização, são os seguintes:

(i) Predicados factivos que exprimem um juízo intelectual ou afectivo:

Alegra-me que tenhas recuperado o carro.

É pré-construída, e modalizada por *Alegra-me*, a asserção correspondente à frase completiva ((*Tu*) *recuperaste o carro*) cujo predicado, para permitir a leitura apreciativa, ocorre no modo conjuntivo.

(ii) Expressões interjectivas gramaticalizadas:

Felizmente (que) recuperaste o carro.

É pré-construída a asserção ((*Tu*) *recuperaste o carro*) modalizada pela expressão interjectiva *felizmente (que)*.

(iii) Alto grau

(iii) a. Termos lexicais que funcionam como um referencial de alto grau:

A Maria é elegante como um manequim.

O termo *como um manequim* introduz um juízo apreciativo sobre a asserção pré-construída *A Maria é elegante*.

(iii) b. Exclamativa associada a uma ordem específica de palavras:

Como a Maria é elegante!

Construção de um valor apreciativo (marcado pela conjunção *como*, pelo apagamento do segundo termo de comparação, pela ordem das palavras e pela curva prosódica) sobre o pré-construído *A Maria é elegante*.

(iii) c. Posição pré-nominal de alguns adjetivos em exclamativas:

A Odisseia é uma verdadeira história!

Apreciação modal marcada pela curva melódica e pela anteposição do adjetivo *verdadeira* na asserção pré-construída *A Odisseia é uma história*.

Na literatura que, no âmbito da Teoria Formal Enunciativa, aborda estruturas que envolvem pré-construção, repetidamente se tem destacado a dimensão textual deste conceito. Tal como explicita, entre outros, Campos (1998:28), o pré-construído é de natureza linguística, ou seja, pode ser identificado a caracterizado através de regras metalinguísticas, independentemente de ser ou não verbalizado. Porém, os casos em que se verifica uma verbalização do pré-construído constituem exemplos particularmente ilustrativos da relação entre enunciação e pré-construção.

Uma análise do marcador interjectivo *felizmente (que)*, recorrendo ao co-texto, pode ilustrar esta dimensão linguística ou textual. Campos (2004:275), adoptando Culioli (2002), refere que, para além de poder incidir sobre um único conteúdo proposicional, o marcador *felizmente (que)*

pode ser um elemento de ligação intra-discursiva, tal como no seguinte exemplo:

As propinas subiram muito.
Felizmente (que) o João ganhou a bolsa.

Neste enunciado, com uma função de ligação intra-discursiva, o marcador *felizmente*, com ou sem a conjunção *que*, estabelece uma relação entre dois termos: *As propinas subiram muito* e *O João ganhou a bolsa*. Com efeito, pode considerar-se que o marcador *felizmente* apresenta propriedades que são típicas dos advérbios avaliativos, mas apresenta igualmente propriedades típicas dos advérbios conectivos. Enquanto avaliativo, *felizmente* introduz um valor modal que incide sobre uma asserção pré-construída. Para além disso, na sua função como conectivo, *felizmente* associa a pré-construção a um estado de coisas inicial, ou melhor, associa a pré-construção a uma relação com uma determinada configuração. Tal configuração poderia ser representada, seguindo Culioli (2002), como

X conduz a Y. *Felizmente (que)* Z.
Logo Y não se verifica.

Assim sendo, o marcador *felizmente* pré-constrói uma asserção Z e associa-a a um estado inicial X que é a origem de uma relação (X conduz a Y). Considere-se um outro exemplo análogo ao anterior, mas agora em contexto explícito¹:

Eu amo a charneca. / E não sou romanesco. Romântico, Deus me livre de o ser (...). / Ora a charneca dentre Cartaxo e Santarém, àquela hora que a passámos, começava a ter esse tom, e a achar-lhe eu esse

¹ Exemplo extraído de Almeida Garrett. *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora, s/d, p. 38.

encanto indefinível. / Sentia-me disposto a fazer versos... a quê? Não sei. / Felizmente que não estava só; e escapei de mais essa caturrice. (Sublinhado nosso.)

Analisando este excerto pode reconstruir-se, muito esquematicamente, o processo relacional subjacente ao marcador *felizmente*:

“*Eu amo a chameca*” conduz a “*fazer versos*”. “*Felizmente que não estava só*” logo “*fazer versos*” não se verificou.

Por seu lado, *Não estava só* corresponde à asserção negativa pré-construída modalizada como favorável por *felizmente que*. Por estar associado à conjunção *que*, o termo *felizmente* indica que a asserção negativa em causa é pré-construída numa enunciação anterior à enunciação em curso². Com efeito, o contexto alargado permite confirmar esta hipótese. A sequência textual da qual faz parte o excerto citado é iniciada por

Eram dadas cinco da tarde, a calma declinava; montámos a cavalo, e cortámos por entre os viçosos pâmpanos que são a glória e a beleza do Cartaxo³.

Nesta sequência, as formas verbais na primeira pessoa plural indicam que, efectivamente, a personagem *não estava só*, reforçando assim a asserção pré-construída.

² Campos (2004:273-5) distingue os empregos de *felizmente que* e de *felizmente*. No primeiro caso, com a conjunção *que*, o pré-construído é anterior à enunciação em curso. No segundo caso, sem a conjunção, a enunciação em curso corresponde a duas operações: pré-construção e modalização apreciativa. Neste segundo caso, o pré-construído é anterior à modalização, mas não ao enunciado.

³ Almeida Garrett. *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora, s/d, p. 37.

A dimensão textual do pré-construído tem sido, por vezes, contraposta à dimensão não textual do pressuposto, ou seja, pré-construção e pressuposição distinguem-se na medida em que o primeiro se inscreve, implícita ou explicitamente, no texto, mas não o segundo. Campos (1998: 28 e 2004: 272 nt 8) cita a seguinte passagem de Fisher (1983:158 nt 4) em defesa da dimensão textual do pré-construído:

La notion de *préconstruit* que nous empruntons à Culioli, relève du linguistique. Elle se distingue de la présupposition dans la mesure où les règles métalinguistiques de fonctionnement que l'on peut se donner, permettent d'identifier le préconstruit à partir du construit textuel. En ce sens, le préconstruit fait partie du texte.

Esta oposição entre pré-construído e pressuposição parece ser contraditória com o facto de Campos (2004) incluir na modalidade apreciativa os verbos factivos. Como é sabido, estes verbos indicam uma relação de pressuposição. Pensamos que na origem desta aparente contradição estará talvez Culioli (1976: 52): o autor critica o conceito de pressuposto, afirmando que este, por ser entendido de forma imprecisa e ambígua, não faz mais do que reenviar para propriedades físico-culturais, ou para problemas de categorização. Porém, o conceito de pressuposto tal como é considerado por Culioli não corresponde ao conceito de pressuposição semântica que actualmente está fixado e vulgarizado: “uma frase B é pressuposta por uma frase A se B for verdadeira independentemente da verdade ou falsidade de A”⁴.

⁴ Veja-se, por exemplo, como o conceito de pressuposição semântica é apresentado em Oliveira (1996:340).

Como se pode verificar, confrontando pré-construído e pressuposto semântico, ambos apresentam uma dimensão textual: por meio de regras metalinguísticas⁵, ambos podem ser identificados a partir do enunciado. Deste modo, seria mais adequado entender o pressuposto semântico como um tipo de pré-construído e não como um conceito em oposição ao de pré-construído.

Assim sendo, não há contradição em considerar os verbos factivos como marcadores da modalidade apreciativa, tal como exemplificado no enunciado acima referido *Alegra-me que tenhas recuperado o carro*.

O mesmo não se verifica, porém, quando se confronta o conceito de pré-construído com os conceitos de pressuposição pragmática e, em particular, de conhecimento partilhado. Defendemos que é as estes dois últimos conceitos, tal como estão actualmente vulgarizados na literatura, que pode ser aplicada a crítica de Culioli (1976).

No seu texto introdutório à Pragmática, Gouveia (1996:405-6) define pressuposição pragmática como o conjunto das “assunções dos falantes relativamente aos contextos de comunicação de que fazem parte”, incluindo nestas assunções a informação partilhada, ou seja, os fenómenos “referentes à informação que, num enunciado, é assumida como partilha do locutor e do alocutário”. Os termos empregues nestas definições, revelam uma motivação cognitiva, mas não permitem construir uma caracterização linguística unitária: ainda que Gouveia apresente e analise exemplos linguísticos, fica, no entanto, por determinar quais são as propriedades linguísticas comuns a todos os casos de pressuposição pragmática⁶.

⁵ Para o que se pretende demonstrar é irrelevante que as regras metalinguísticas sejam ou não verofuncionais.

⁶ A questão da identificação linguística do conceito de pressuposição pragmática e, em particular, do conceito de conhecimento partilhado, é um problema geral que ultrapassa o texto de Gouveia. Para um enquadramento sucinto desta questão ver, por exemplo, a entrada *situation*

Curiosamente, os exemplos empregues por Culioli (1976:52) para criticar o conceito de pressuposição são muito próximos de alguns dos exemplos que Gouveia (1996:406-7)) utiliza para ilustrar os conceitos de pressuposição pragmática.

Em concreto, Culioli afirma que a imprecisão do conceito de pressuposição se enquadra, em geral, em dois casos: “En disant présupposé, en général, on renvoie: soit à des propriétés physico-culturelles (allusion à l’expérience que l’on a de l’univers) (...), soit à des problèmes de catégorisation”. Como exemplo do primeiro caso, Culioli usa o enunciado “*l’argile se casse*” que teria como pressuposto *l’argille est sèche*: para que possa partir-se a argila tem de estar seca. Gouveia, por sua vez, cita como exemplo de pressuposição o enunciado: *O João pediu ao Manuel que lhe apresentasse a sua esposa*. Este enunciado conduziria ao pressuposto *O Manuel é casado*. Ora a definição nocional de *esposa* integra a definição nocional de *ser casado*. É revelador que o dicionário Houaiss defina “esposa” como “mulher casada, em relação ao seu marido”.

Como exemplo do segundo caso, o de categorização, Culioli emprega o enunciado *je suis en train d’écrire* que teria como pressuposto *je n’ai pas encore fini d’écrire*. Por seu lado, Gouveia cita o exemplo *Foi o PS que ganhou as eleições em 1975, não foi?* que pressupõe *Houve eleições em 1975*. Neste caso, o que está em causa é a caracterização gramatical do determinante artigo definido como termo anafórico. Com efeito, no exemplo em causa, o artigo definido marca uma retoma anafórica, operação que se verifica na sequência de uma operação prévia de construção de existência: *houve eleições em 1975* é uma

de communication no dicionário de Charaudeau & Maingueneau (2002:533ss).

asserção pré-construída (independentemente de ser ou não verbalizada) e retomada em *as eleições em 1975*.

Em relação ao conceito de pressuposição pragmática e, mais precisamente, em relação ao conceito de informação partilhada, não adoptamos a posição radical de Sperber & Wilson (1986:31-38): estes autores recusam liminarmente o conceito de conhecimento partilhado. Defendemos, em contrapartida, que tais conceitos, pressuposição pragmática e, em particular, conhecimento partilhado, podem receber uma caracterização linguística unitária se forem relacionados com o conceito de pré-construído. Para esta caracterização linguística seria necessário distinguir entre as propriedades que fazem parte da definição nocional dos termos lexicais e gramaticais e as que derivam de um agenciamento de termos no enunciado. As estruturas enunciativas estudadas por Campos (2004) a propósito da modalidade apreciativa são um contributo para a caracterização extensional da operação de pré-construção e uma motivação para estudos mais desenvolvidos sobre este tema.

Referências Bibliográficas

- Bouscaren, Janine & Chuquet, Jean. 1987. *Grammaire et Textes Anglais: Guide pour l'Analyse Linguistique*. Paris: Ophrys.
- Campos, M^a Henriqueta Costa & Xavier, Maria Francisca. 1991. *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Campos, M^a Henriqueta Costa. 1998. *DEVER e PODER: Um subsistema modal do Português*. Lisboa: FCG/JNICT.
- Campos, M^a Henriqueta Costa. 2004. "A modalidade apreciativa: uma questão teórica". In Oliveira, Fátima & Duarte, Isabel Margarida (org.). *Da língua e do discurso: Homenagem a Joaquim Fonseca*. Porto: Campo das Letras, pp. 265-281.
- Charaudeau, Patrick & Maingueneau, Dominique (dir.) 2002. *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil.
- Culioli, Antoine. 1976. *Recherche en Linguistique: Théorie des Opérations Énonciatives*. Université de Paris VII, Département de Recherches Linguistiques, [transcription du Séminaire de D.E.A. de 1975/76]
- Culioli, Antoine. 2002. *Heureusement!* In Mateus, Maria Helena & Correia, Clara Nunes. *Saberes no Tempo: Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 279-284.
- Fisher, Sophie. 1983. "Tiens-toi tranquille!" Notes sur l'injonction en espagnol et en français" In Fisher, Sophie & Franckel, Jean-Jacques (eds.) *Linguistique, Énonciation. Aspects et Détermination*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 157-164.
- Gouveia, Carlos A. M. 1996. "Pragmática". In Faria, Isabel Hub et alii (eds.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 383-420.
- Houaiss, Antônio & Villar, Mauro (dir.). 2003. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Temas e Debates.
- Oliveira, Fátima. 1996. "Semântica". In Faria, Isabel Hub et alii (eds.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 339-340.
- Sperber, Dan & Wilson, Deirdre. 1986. *Relevance: Communication and Cognition*. Trad. Fr. de Abel Gerschenfeld & Dan Sperber. *La Pertinence: Communication et Cognition*. Paris: Minuit